

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Editora ChefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlundo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Letras: representações, construções e textualidades

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L649 Letras: representações, construções e textualidades /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-184-5
DOI 10.22533/at.ed.845210706

1. Letras. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de
(Organizador). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS: REPRESENTAÇÕES, CONSTRUÇÕES E TEXTUALIDADES**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; estudos em adaptação e tradução; e outras temáticas.

Estudos literários traz análises sobre identidade cultural, memória, resistência, feminino, ecocrítica, cultura, regionalismo, história, poesia, prosa, turismo e literatura.

Em estudos em adaptação e tradução são verificadas contribuições que versam sobre literatura e teatro, além de mitologia andina.

Outras temáticas congrega estudos sobre arquitetura do espaço escolar e sociologia das ausências.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE CULTURAL EM TRÂNSITO: UM OLHAR A PARTIR DO CONTO “RÉPLICA” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Maria do Socorro Souza Silva Maria Lidiana Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8452107061	
CAPÍTULO 2	13
LITERATURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: APROXIMAÇÕES ENTRE CONCEIÇÃO EVARISTO E MÁRCIA KAMBEBA	
Lívia Verena Cunha do Rosário	
DOI 10.22533/at.ed.8452107062	
CAPÍTULO 3	25
O CONCEITO DE RESISTÊNCIA PRESENTE NO CONTO <i>ANACONDA</i> , DE HORÁCIO QUIROGA: UMA ANÁLISE DA LITERATURA LATINA SOB O VIÉS DO PÓS-COLONIALISMO	
Geovani Augusto Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.8452107063	
CAPÍTULO 4	32
“LOS CONVIDADOS DE AGOSTO”: SIMBOLISMO Y TRANSGRESIÓN FEMENINA	
Karina Reis de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8452107064	
CAPÍTULO 5	37
A VISÃO ECOCRÍTICA DE MIYAZAKI EM PRINCESA MONONOKE	
Nicole Torres Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.8452107065	
CAPÍTULO 6	51
DISCURSO E IDEOLOGIA EM ANGÚSTIA: UMA BREVE ANÁLISE	
Larissa Xavier de Oliveira Maria de Lourdes Rossi Remenche	
DOI 10.22533/at.ed.8452107066	
CAPÍTULO 7	62
ALENCAR CULTURA E IDENTIDADE EM <i>TIL</i> : UMA ABORDAGEM DISCURSIVA	
Micheline Tacia de Brito Padovani	
DOI 10.22533/at.ed.8452107067	
CAPÍTULO 8	73
O REGIONALISMO REVISITADO NA AMAZÔNIA: BELÉM DO GRÃO PARÁ E DOIS IRMÃOS	
Damaris de Souza Silva	

Veronica Prudente Costa
Rosidelma Pereira Fraga
DOI 10.22533/at.ed.8452107068

CAPÍTULO 9..... 89

SAMBAÍBA DESCREVE AS VIVÊNCIAS DO SERTÃO PIAUIENSE: FONTES IBIAPINA À LUZ DAS TEORIAS DE LUKÁCS E BENJAMIN

Layane Rodrigues dos Santos
Raimunda Celestina Mendes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.8452107069

CAPÍTULO 10..... 101

MISÉRIA E “MAU GOSTO” EM RODOLFO TEÓFILO E LUÍS ROMANO

João Luiz Xavier Castaldi

DOI 10.22533/at.ed.84521070610

CAPÍTULO 11 112

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO: LITERATURA E HISTÓRIA DO SÉCULO XIX

Tamara Cecília Rangel Gomes
Ethmar Vieira de Andrade Filho

DOI 10.22533/at.ed.84521070611

CAPÍTULO 12..... 116

DIZER O INDIZÍVEL: OS NEGROS E A ESCRAVIDÃO NO DISCURSO DE VIAJANTES ARGENTINOS AO BRASIL

Lyanna Costa Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.84521070612

CAPÍTULO 13..... 128

FUTEBOL, POLÍTICA E CULTURA NO CONTO “JÁ PODEIS DA PÁTRIA FILHOS”, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Lucas Santana Viana Pontes

DOI 10.22533/at.ed.84521070613

CAPÍTULO 14..... 136

SOB A PELE DAS PALAVRAS: ANÁLISE DE UM POEMA DE MICHELINY VERUNSCHK

Natália Tano Portela
Danilo Santos Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.84521070614

CAPÍTULO 15..... 143

O DIÁLOGO INTERTEXTUAL IMPLÍCITO EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Igor Azevedo Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.84521070615

CAPÍTULO 16	158
TURISMO E LITERATURA: A EXPERIÊNCIA PORTUGUESA	
Eva Maria Marques Milheiro	
DOI 10.22533/at.ed.84521070616	
CAPÍTULO 17	169
A ADAPTAÇÃO TEATRAL: EFEITOS DE SENTIDO DA OBRA LITERÁRIA NO TEXTO DRAMÁTICO	
Maria Clara da Costa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.84521070617	
CAPÍTULO 18	184
TRADUÇÃO COMENTADA DA MITOLOGIA ANDINA “URSO RAPTOR” DIALOGANDO COM BELÉN	
Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.84521070618	
CAPÍTULO 19	193
DO CONCEITO DE ESPAÇO: UMA REFLEXÃO A CERCA DA ARQUITETURA DO ESPAÇO ESCOLAR	
Francisca Rodrigues Lopes	
Marcos Rafael Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.84521070619	
CAPÍTULO 20	205
A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS DE SANTOS E A CEGUEIRA DOS SABERES DE MORIN PELO VIÉS DOS REGIMES DE INTERAÇÃO DE LANDOWSKI	
Wiliana Carneiro Carvalho	
Noelma Oliveira Barbosa	
Bruno Gomes Pereira	
Juscelino Laurindo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.84521070620	
SOBRE O ORGANIZADOR	220
ÍNDICE REMISSIVO	221

O REGIONALISMO REVISITADO NA AMAZÔNIA: BELÉM DO GRÃO PARÁ E DOIS IRMÃOS

Data de aceite: 01/06/2021

Damaris de Souza Silva

Mestranda em Letras pela Universidade
Federal de Roraima (PPGL/UFRR)
Boa Vista -RR
<http://lattes.cnpq.br/5658898621230724>

Veronica Prudente Costa

Doutorado em Letras Vernáculas pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Professora Adjunta da Universidade Federal de
Roraima (UFRR)
Boa Vista -RR
<http://lattes.cnpq.br/6783424840566423>

Rosidelma Pereira Fraga

Doutorado em Letras e Linguística, pela
Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutorado
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Boa Vista -RR
<http://lattes.cnpq.br/5017383387520947>

RESUMO: Este artigo parte do contexto histórico do Ciclo da Borracha apresentado como pano de fundo narrativo nas obras *Belém do Grão Pará* e *Dois Irmãos* e tem como objetivo examinar as implicações do regionalismo revisitado formando eixos de convergências literárias na Amazônia. Além do contexto histórico foram notadas várias convergências em suas narrativas, que se destacam em meio a Literatura Amazônica por abordarem temas universais. Inseridas no contexto do “regionalismo revisitado” trazem o foco para a discussão dos moldes do Cânone da Literatura Brasileira. Trazem em suas

entrelinhas fatos históricos da região amazônica, principalmente nas cidade de Belém e Manaus, e suas implicações na transformação da cultura e paisagem da Amazônia. Os estudos relacionados a Literatura Amazônica permitiram aos pesquisadores e escritores o acesso a diversas informações até certo ponto da história inéditas, fato que se tornou muito relevante para os estudos da formação literária no Brasil, mais ainda para a inserção da Amazônia em narrativas tão importantes e expressivas como as apresentadas nas obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum. A historiografia acerca do Ciclo da Borracha baseia-se em João Pacheco de Oliveira (2016), em relação a análise das obras utiliza-se as teorias de Lígia Chiappini (1995), Tânia Pellegrini (2004), Allison Leão (2011), Cátia Wankler (2013) e Camila do Valle (2015).
PALAVRAS-CHAVE: Belém do Grão Pará, Dois Irmãos, Regionalismo revisitado, Ciclo da Borracha.

ABSTRACT: The present analysis starts from the historical context of the Rubber Cycle presented as a narrative background in the works *Belem do Grain For and Two brothers*. The objective of the research is to analyze the two works in their convergences. In addition to the historical context, several convergences were noted in their narratives, which stand out in the midst of Amazonian Literature for addressing universal themes. Inserted in the context of “revisited regionalism” bring the focus to the discussion of the patterns of the Canon of Brazilian Literature. Between the lines they bring historical facts of the Amazon region, mainly in the cities of Belém

and Manaus, and their implications for the transformation of the culture and landscape of the Amazon. Studies related to Amazonian Literature have allowed researchers and writers access to various information up to a certain point in unpublished history, a fact that has become very relevant for the studies of literary formation in Brazil, even more so for the inclusion of the Amazon in such important and interesting narratives. expressive as those presented in the works of Dalcídio Jurandir and Milton Hatoum. The historiography about the Rubber Cycle is based on João Pacheco de Oliveira (2016), in relation to the analysis of the works, the theories of Lúgia Chiappini (1995), Tânia Pellegrini (2004), Alison Leão (2011) is used, Cátia Wankler (2013) and Camila do Valle (2015).

KEYWORDS: Belem do Grain For, Two brothers, Regionalism revisited, Rubber Cycle.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo fulcral investigar as convergências do regionalismo revisitado nas obras de dois autores da Amazônia, com recorte para a memória e história. Sob esse prisma, analisaremos as obras *Belém do Grão-Pará* de Dalcídio Jurandir, publicada em 1960 e *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, publicada em 2000. Para isso, a análise busca apresentar o contexto do ciclo da borracha na Amazônia em que ambas as narrativas são ambientadas, bem como o processo que levou o declínio desse período nas cidades de Belém e Manaus, e como esse período e as características formadas a partir dele se transportam para a produção literária.

Preliminarmente, podemos asseverar que os portugueses tornaram o Brasil em duas colônias da América do Sul, uma colônia descoberta pelo navegador Pedro Álvares Cabral em 1500, administrada pelo vice-rei, a outra colônia foi chamada de Rio Negro e Grão-Pará, o descobrimento foi em 1498 por Vicente lañes Pinzon, após a terceira excursão de Colombo na América. Em uma análise sobre a construção da literatura Amazônica e sua inserção no cânone da literatura brasileira, não se pode esquecer que em sua origem, a Amazônia não fazia parte do Brasil.

Neste contexto, entendemos que em meio a invasão das terras da Amazônia, houve a descoberta da seringueira, com o nome científico “*hevea brasiliensis*”, a árvore que solta um líquido semelhante ao leite, que foi chamado de látex, dando início ao ciclo da borracha, se tornando pano de fundo das narrativas das obras aqui analisadas. Este acontecimento transformou o Pará e Amazonas, as capitais dos respectivos Estados, Belém e Manaus, se tornaram em grandes movimentações urbanas, passando por processos extremamente acelerados, marginalizados e agressivos, em que a população mais pobre, de forma direta ou indireta, perdeu diversos direitos à prática de suas culturas, privadas de direitos e necessidades básicas diante das más condições de trabalho.

É nessa abordagem analítica que as obras *Belém do Grão Pará* e *Dois irmãos* se inserem e trazem em suas entrelinhas fatos históricos do resultado que esses acontecimentos implicaram na transformação cultural local, muitas vezes fazendo com que os nativos se envolvessem em traços históricos de inferioridade por sua origem, como por

exemplo: as personagens Libânia e Domingas, ambas índias tratadas como empregadas para servirem às famílias, passaram a aderir um comportamento estrangeiro e incoerente com sua cultura local.

Após o declínio da exportação do látex no Brasil, a queda da comercialização na região Amazônica ocasionou um baque profundo na população de forma geral, a queda foi estarrecedora também para os representantes da política, a classe dominante da época. A ausência dessas medidas prejudicou muito a região Amazônica e beneficiou as empresas estrangeiras de exportação.

A rigor, notamos que as marcas desse declínio permeiam as narrativas analisadas, o ciclo da borracha está presente na decadência das expectativas dos personagens, da cidade, do casarão onde residem, principalmente na obra *Belém do Grão Pará*, em que há várias passagens de nostalgia por parte da família dos Alcântaras em relação a efervescência do ciclo da borracha. Em *Dois irmãos* essa decadência se apresenta mais na desconstrução das relações familiares, também representada na deterioração da casa em que vivem.

Frente a tais considerações e tendo em vista o contexto regionalista das duas obras comparadas, explicitaremos reflexões epistemológicas sobre a inserção dos autores no cânone da literatura brasileira, apresentando termos como “regionalismo revisitado”, bastante presente nos estudos da obra *Dois irmãos*, devido a pluralidade de abordagem dos temas, conflitos familiares, narrativas entrelaçadas, ao mesmo tempo em que descrevem as paisagens que compõem a narrativa do romancista amazonense.

2 | BELÉM E MANAUS NO CICLO DA BORRACHA

O Ciclo da Borracha foi um período muito importante para a construção econômica do Brasil, e para o processo sócio-histórico da região Amazônica. A época está relacionada com a comercialização do látex, matéria-prima da árvore-da-borracha, a seringueira. A Amazônia brasileira foi um dos maiores pontos comerciais que sustentou o ciclo da borracha, todo o processo proporcionou à colonização da região uma grande expansão, atraindo pessoas em fortunas e melhorias de vida, além de reformas em perspectivas sociais, culturais e na arquitetura.

Toda essa movimentação deu um relevante impulso na construção de cidades, como Porto Velho, Belém e Manaus, os maiores pontos comerciais da região, como as capitais dos estados do Pará, de Rondônia e do Amazonas, todas localizadas na região Norte do Brasil. No mesmo período, foi formado o Território em que atualmente é o estado do Acre, chamado de Território Federal do Acre, propriedade adquirida da Bolívia em meados de 1903.

O apogeu do ciclo da borracha ocorreu entre 1879 e 1912, ainda tendo uma boa influência entre 1942 e 1945, no curso da Segunda Guerra Mundial (1939\1945). O

desenvolvimento tecnológico e a Revolução Industrial foram as principais razões que tornaram a circulação da borracha natural, se tornasse um produto muito buscado e apreciado, que proporcionava muito lucro e investidores para quem estava nesse comércio.

João Pacheco de Oliveira (2016) explana como ocorreu a conquista da Amazônia por meio do ciclo da borracha, e revela que esse período modificou drasticamente a paisagem amazônica:

[...] os autores consultados concordam em responsabilizar a borracha pelo extermínio dos “ensaios agrícolas” na região tropical: com a valorização da borracha, afirma Vianna Moog (1936:24), desmantelou-se uma “sábia organização agrícola”, e iniciou-se uma “desenfreada corrida rumo aos seringais, com o abandono da lavoura, das oficinas e dos rebanhos”. A extração da borracha alterou drasticamente a paisagem social e cultural da Amazônia: “abandonou-se o sítio, o cacau, o cafezal, o engenho, [...] a Amazônia deixou de ser, daí por diante, a região da lavoura e do pastoreio do tipo nordestino, para ser a região dos gomais, das héveas, o mundo do ouro negro” (Ferreira REIS, 1953:46-47). (OLIVEIRA, 2016, p. 156)

Esse movimento em torno da borracha acabou por fazer com que diversas pessoas viessem para o Brasil, com o intuito de participar do comércio lucrativo da exploração da seringueira, e conhecer os processos e métodos de extração da borracha. A finalidade da visita era obter lucros de alguma forma como a riqueza local. Manaus e Belém estão entre as principais cidades do Brasil a instituir eletricidade e iluminação pública no final do século XIX, e com promessas de instalação de bondes elétricos. O período assegurou muitos lucros para o Norte do Brasil, a partir desse ciclo deu-se início ao sistema de modernização e urbanização com maior amplitude nessa parte do país.

Houve ocasiões no qual as capitais do norte do Brasil se constituíram com mais desenvolvimento a nível nacional. Por influência dos países europeus, as capitais edificaram mais casas residenciais, escolas, cinemas, prédios públicos, dentre outras construções. Diversas cidades foram construídas a partir de pequenos povoados no período do ciclo da borracha. Inicialmente a mão de obra usada para a extração do látex eram os indígenas, mas este fato muda com o fluxo migratório advindo da região Nordeste do país, ocasionando também um rápido aumento populacional na região, como discorre Oliveira (2016):

Ligar tal esquema de financiamento à mão de obra indígena, porém, significa estabelecer uma correspondência estreita demais entre essas variáveis – e insustentável, na medida em que essa rede tradicional e descentralizada dos aviamentos aparece, em outras circunstâncias, a menção à mão de obra indígena e de sua mobilização via o avião não pode contudo ser banalizada, uma vez que, na maioria das circunstâncias, ela aparece ligada a uma força de trabalho não indígena, composta por imigrantes cearenses e maranhenses que iniciaram a ocupação do vale do Purus. (OLIVEIRA, 2016, p. 144)

Com esse aumento da população a borracha ficou cada vez mais valorizada, o látex era frequentemente usado para a fabricação de borracha de apagar, galochas e seringas.

Posteriormente, as descobertas desenvolvidas pelo cientista Charles Goodyear, que criou um método de vulcanização por meio do qual a elasticidade e resistência da borracha, foram aprimoradas. A vulcanização proporcionou a ampliação da utilização da borracha, pois logo seria usada como matéria-prima para produção de sapatos, mangueiras e correias. A região amazônica, na época estava entre as maiores produtoras da borracha e se consolidou com essa ampliação, se transformando no maior centro de exportação e extração do látex no mundo.

Não comendo uma forma de trabalho livre, os trabalhadores ficavam agenciados sob o poder do “aviador”, que os contratava para ficarem ao serviço dos donos dos seringais, sendo pagos por dinheiro e produtos de primeira necessidade, como explica Oliveira (2016):

[...] a política “espontânea” de importação de braços para os seringais visava, a cada etapa, o endividamento do migrante e o seu enquadramento na condição de trabalhador dependente – desde o momento em que sai de sua terra, o futuro seringueiro já vai se tomando prisioneiro do agenciador e, depois, do seringalista, tendo que pagar-lhe todas as despesas que realizar até a obtenção da primeira safra. (OLIVEIRA, 2016, p. 156)

Na metade do século XX, a preeminência do látex brasileiro sofreu um intenso declínio devido a concorrência proporcionada pelo látex exportado da Malásia. A repentina queda de valores do produto no comércio fez com que diversos aviadores fossem compelidos a vender sua produção com valores bem abaixo considerando o investimento destinado à produção. Entre os anos de 1910 e 1920, a tensão que envolveu o comércio da seringa no Brasil deixou muitos aviadores na falência e cofres públicos endividados, pois estocavam borracha na espera de aumentar os preços.

Com a entrada maciça da produção de borracha dos seringais de cultivo da Malásia no mercado internacional, já no início da segunda década do século XX, os preços do látex caíram progressivamente, instalando-se uma grave crise na economia amazônica. Fora breves oscilações favoráveis, a produção de borracha na região, a partir de 1911, prosseguiria em declínio. (OLIVEIRA, 2016, p. 177)

Esse árduo golpe que atingiu os produtores de seringa na região norte pode ser entendido como a falta de apoio por parte do governo imperial. Aliado ao veemência econômica dos cafeeiros, o governo não gerou nenhum programa de proteção e desenvolvimento em relação aos produtores e trabalhadores do ciclo da borracha. Conforme Oliveira (2016), mesmo com seu declínio, o ciclo da borracha gerou um movimento histórico muito representativo, presente na maioria dos textos sobre a região amazônica:

Presente em quase todos os textos sobre a Amazônia, a problemática da agricultura versus extração não é vista do mesmo modo por autores que a viveram em diferentes momentos do ciclo da borracha. A importância de tal problemática é máxima exatamente durante o período em que a borracha surge como um dos principais produtos na pauta de exportação das províncias do extremo-norte (década de 1850 e início da década seguinte), só declinando

já na segunda metade da década de 1880, voltando a assumir certo relevo já nas vizinhanças da crise. Uma consideração mais atenta permite apreender melhor a multiplicidade de causas e interesses que provocaram críticas tão violentas. (OLIVEIRA, 2016, p. 132).

Historicamente, podemos entender que logo após a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), o polo industrial passou a utilizar uma borracha sintética, pois podia ser produzida e manuseada em um ritmo mais rápido. Essa novidade tecnológica retraiu significativamente a extração da borracha nos seringais da Amazônia. Partindo desse contexto histórico em que são ambientadas as duas obras, na segunda seção teceremos abordagens analíticas que permitem um recorte dentro do comparativíssimo literário.

3 | COMPARAÇÃO: BELÉM DO GRÃO-PARÁ E DOIS IRMÃOS

Ao debruçarmos o olhar minucioso sobre as obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum, notamos semelhanças, principalmente pelo momento histórico retratado nas narrativas. As obras ambientam-se nas décadas de 20 e 30, no final da efervescência do ciclo da borracha nas cidades de Manaus e Belém do Pará. O objetivo neste momento de investigação é analisar as obras em consonância, atentando-se para a inserção dessas obras no cânone da literatura brasileira.

As obras de Dalcídio Jurandir estão inseridas no contexto regionalista da literatura brasileira, se destacando pelas obras do Ciclo do Extremo Norte. *Belém do Grão-Pará* faz parte desse ciclo, narrada em terceira pessoa e apresenta a narrativa com um discurso indireto livre, expondo psicologicamente as expectativas íntimas dos personagens, abordando conflitos comuns da condição humana. Camila do Valle em seu texto “Literatura da Amazônia - dificuldades do surgimento e classificação de um campo” explana sobre a narrativa dalcidiana e explica:

Dalcídio escreve com saudade de outra forma de organização da vida, o que equivale a dizer, outra forma de organização do tempo e do espaço. Apesar de ter vivido décadas, até morrer, no Rio de Janeiro, em sua fase adulta, jamais escreveu uma linha sobre a cidade em que vivia. Com essa direção, se não contrária, ao menos divergente, do caminho postulado para a modernidade, dificulta-se a identificação do leitor de romances, em grande parte, consumidor habitante da cidade, como parecem atestar os números obtidos pela conclusão de estudo feito por Regina Dalcastagnè na UnB: há uma coincidência entre autor e protagonistas que, em sua grande maioria, são urbanos e “brancos”. A própria forma romance, que floresce com a modernidade, esbarra em seus limites. Na “aquonarrativa” de Dalcídio, tudo reflui para as águas da Amazônia, sem vontade de ter de lá saído. Sendo assim, se a narrativa dalcidiana tem algo de épica, no sentido de contar uma aventura coletiva, é justamente dessa identidade coletiva que não se adapta ao universal postulado pela “modernidade conservadora”: seria um épico, forma ocidental, neste caso, em desacordo com o Ocidente. (VALLE, 2015).

A obra é ambientada na cidade de Belém, capital do Pará, em meados da década

de 20, descreve a vida dos decadentes Alcântaras, família que após o declínio do Senador Antônio Lemos com a queda do ciclo da borracha, precisa se desprender da vida de luxos beneficiados pelo apadrinhamento do Senador. No início da década 20, Alfredo enfim realiza o sonho, e de sua mãe, de estudar na cidade de Belém. Por meio do grande esforço de sua mãe Amélia, o rapaz protagonista da narrativa desembarca na capital do Pará. Ao chegar na casa dos Alcântaras, o rapaz logo percebe que a família sofre com a decadência financeira.

Essa decadência é percebida desde a casa da família, até mesmo nos próprios personagens. Virgílio, o chefe da família, decai de seu cargo de administrador de São Brás para um emprego na Alfândega, a esposa d. Inácia, que aproveitava seu tempo para os luxos da bonança e eventos, se vê morando em uma casa decadente da travessa Gentil, e relembra saudosa o tempo que morou na luxuosa casa da rua Vinte e Dois de Junho, a filha Emília perde o noivado.

Os mesmos viviam assolados pela nostalgia do que viveram e do que poderiam ter vivido, diferente do Jovem Alfredo, que tem sonhos mais interioranos com sua cidade Marajó. Camila do Valle (2015) explica essa nostalgia que difere o menino Alfredo dos Alcântaras:

[...] em se tratando ainda de sonhos e saudade, vários outros personagens do romance sonham e têm saudade, mas numa direção completamente diversa do sonho e da saudade do menino Alfredo: sonham com a modernidade que poderiam ter e não tiveram com o ciclo da borracha. Eles têm saudade do que a borracha prometia para a cidade e, num determinado momento, cumpriu, em parte: eles almejam a cidade moderna. Alfredo almeja o chalé e a ilha, os campos alagados ou não do Marajó. (VALLE, 2015).

O narrador retrocede meses, e até anos da vida dos personagens, lembrando fatos, conflitos e experiências, gerando uma profunda análise psicológica da vida de todos. Alfredo, logo após desembarcar, observa o cais e se depara com a venda de uma criança para uma senhora, certamente com o intuito de ajudar a senhora nos afazeres da casa, circunstâncias em que o personagem vai conviver mais adiante na presença de Libânia, que se torna sua melhor amiga na cidade. Conforme esse trecho da obra:

[...] uma menina de nove anos, amarela, descalça, a cabeça rapada, o dedo na boca. metida num camisão de alfacinha. A senhora recuou um pouco. o leque aos lábios, examinando-a: — Mas isto? E olhava para a menina e para o canoeiro, o leque impaciente: — Mas eu lhe disse que arranjasse uma maiorzinha pra serviços pesados. Isto aí... [...] A menina, de vez em vez, fitava a senhora com estupor e abandono. E deu com Alfredo que o contemplava, olhou para ele com o mesmo estupor mas tão demoradamente, como uma cega, que o menino virou o rosto. (JURANDIR, 1960, p. 17).

A venda e distribuição de crianças, principalmente índias, uma ação por parte dos colonizadores muito comum no contexto da colonização, ações que persistiram até o ciclo da borracha, abordada de maneira bem explícita na narrativa dalcidiana. O trecho da obra

descreve como Libânia era vista pelos Alcântaras, na passagem em que Virgílio se põe a pensar sobre a empregada:

Era só ver os modos dela, quando voltava da rua, quente do sol, suando nas maçãs do rosto de índia, vermelha como se estivesse saindo de uma olaria, e o cheiro... A esta observação tão súbita, seu Virgílio corou, como se alguém tivesse escutado. Libânia, pés de tijolo, a saia de estopa. apressada e ofegante, era uma serva de quinze anos, trazida, muita menina ainda, do sítio pelo pai para a mão das Alcântaras. Entrava da rua, com os braços cruzados, carregando acha de lenha e os embrulhos, sobre os rasgões da blusa velha. (JURANDIR, 1960, p. 04).

O sistema de venda e doação de crianças para famílias abastadas continuou mesmo após o declínio da borracha, são marcas da história colonizadora do Brasil. Em relação à presença da queda do ciclo da borracha na narrativa nota-se que as marcas desse período surgem sempre nos diálogos dos personagens, como demonstra esse trecho da obra, em que é mencionado os sinais que o declínio estava causando na cidade:

Na rotina da capatazia, diante do cais murcho, os “gaiolas” em seco e os armazéns fechados, seu Virgílio foi se convencendo de que tudo aquilo não viera apenas da queda da borracha. Mas de que mal? Ambição? Imprevidência? Castigo de Deus? Obra do estrangeiro? A cidade exibia os sinais daquele desabamento de preços e fortunas. [...] Para as mulheres a queda do Senador era a causa de tudo. A borracha subira a tanto, graças ao Senador, em Palácio. Rolara a tão baixo preço graças ao Senador no chão, traído e espezinhado. E por tudo isso arquejavam [19] as Alcântaras na Gentil, consumiam-se as Veigas” na Conselheiro numa casa caindo-lhes por cima, gotejando por todas as telhas e paredes. (JURANDIR, 1960, p. 07)

Como mencionado por Camila do Valle, a Amazônia também é sempre tema das nostalgias dos personagens, em que mencionam o termo “velho tempo”, saudosos dos tempos em que o ciclo da borracha movimentava a economia e transformava a paisagem de Belém, para Virgílio a Amazônia seria o berço de suas gerações, que o ciclo da borracha continuaria a promover para seus descendentes, “Seu Virgílio olhava, obscuramente fascinado, como a cena resumisse o velho tempo, a província, a Amazônia, sesta e madorna de gerações.” (JURANDIR, 1960, p. 08)

O autor assimila a cidade em decadência com a casa dos Alcântaras desmoronando, uma simbologia que envolve tanto o decaimento da cidade quanto das expectativas da família em relação às bem aventuranças do ciclo da borracha. Parecem deslocados dentro do casarão que jazia inabitável, D. Inácia era quem mais sentia falta da vida que deixara na Gentil, localidade nobre em que viviam antes da queda da borracha, casa onde o prazer de viver havia ficado:

Os Alcântaras pareciam dissolvidos na casa. Não se tratava da família da Gentil mas de indivíduos desligados dentro de um casarão desconhecido que lhes parecia dizer: já dei cabo de minha vida, minha missão de ser habitado já acabou. Estou sobrando como habitação e vocês não passam de uma família fantasma. De fato, os Alcântaras olhavam-se como se não se

reconhecessem. A casa os separava. Faltava-lhes a intimidade do 160. Por um momento, d. Inácia sentia que deixara na Gentil o seu nome, o sossego, o prazer de contemplar o mundo sem ser contemplada e que os passarinhos, seus confidentes, haviam ficado por lá. (JURANDIR, 1960, p. 108)

Em consonância, principalmente pelo momento histórico do ciclo da borracha como pano de fundo, a obra *Dois irmãos* de Milton Hatoum apresenta diversas similaridades com a obra de Dalcídio na construção da sua narrativa. A obra é narrada em primeira pessoa, também apresenta um discurso indireto livre, narra a vida de imigrantes libaneses que se concentram no comércio da cidade de Manaus, capital do Amazonas, um cenário que, assim como em *Belém do Grão Pará*, se vê afundado em decadência após a queda do Ciclo da Borracha no início do século XX. Sobre a narrativa de Hatoum, Tânia explana:

O que se vê em Hatoum é a reinserção deles numa ambiência peculiar, construída pela memória, amparada ao mesmo tempo na lembrança e no esquecimento. As especificidades geográfico-sociais que suporiam, para um olhar de fora, provavelmente eurocêntrico, questões mais marcadamente “brasileiras,” precisamente pelo fato de a atmosfera narrativa situar-se em Manaus, centro importante do norte do país, encravado no meio da floresta amazônica, cujos estereótipos dizem respeito sobretudo à cultura indígena, esbatem-se numa atmosfera quase onírica, dada pelo fluir de um tempo construído pelos narradores, que lembram o que sabem ou supõem saber e imaginam o que não sabem. (PELLEGRINI, 2004, p. 128)

Hatoum apresenta um dualismo em relação aos dois irmãos. Omar acomoda-se no Brasil, se sente acolhido, Yaqub, no entanto, certamente por crescer em outro país, com a mágoa da mãe por ter preferido seu gêmeo sente-se diferente e estrangeiro, mesmo tendo nascido no Brasil.

Na obra, o autor se concentra na temática dos conflitos familiares, de um lar que se desconstrói, Nael apresenta-se como narrador em primeira pessoa, oprimido pela dúvida em relação à sua paternidade, procurando encontrar a verdade: quem dos gêmeos é seu pai. O leitor acompanha a vida de Nael entre recortes das histórias dos personagens.

Como em *Belém do Grão Pará*, o narrador e personagem de *Dois Irmãos* observa de fora o enredo principal, na posição de filho da empregada, sempre recebendo os restos dos gêmeos, como livros e roupas, até mesmo sua história e identidade é construída por fragmentos das histórias da família libanesa, retalhos de acontecimentos que ouviu e presenciou ao logo de sua vida, guardando na memória para tecer a narrativa da obra:

Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final. (HATOUM, 2006, p. 23)

Surgem de seus relatos as figuras de Yaqub e Omar, os gêmeos rivais, um dos quais é o homem que engravidou sua mãe, a empregada Domingas, cabocla da casa que vive entre a família de libaneses desde pequena para ajudar no serviço da casa. A obra também

apresenta a relação velada e incestuosa de Rânia, filha mais nova do casal, com os dois irmãos, o apego desmedido da matriarca da família Zana em relação ao filho caçula, o ciúmes do esposo Halim ao ser esquecido por Zana, com o amor excessivo da mãe para com o filho Omar.

Tanto a obra de Dalcídio quanto a de Hatoum, retratam a sociedade burguesa que se formou na efervescência do ciclo da borracha, pela influência da belle époque, movimento que se consagrou na arquitetura inspirada nas construções parisienses, mais que isso, retratam as transformações dessa sociedade depois do declínio do Ciclo da Borracha.

O autor de *Belém do Grão Pará* assimila essa decadência com o declínio das expectativas dos personagens, já em *Dois Irmãos*, o autor assimila com a desconstrução das relações familiares dos personagens. Além do contexto histórico do ciclo da borracha que envolve as narrativas, outra convergência que chama bastante atenção é a presença de empregadas índias que foram vendidas ou cedidas para as famílias.

Desta forma, esse costume se torna algo que aproxima muito as duas obras, haja vista que o ciclo da borracha se caracterizou como uma extensão da colonização da região amazônica, ambas são índias, levadas ainda quando crianças para servirem como empregadas das famílias. Esse trecho da obra *Dois Irmãos* descreve a chegada de Domingas na casa da família libanesa:

Na época em que abriram a loja, uma freira, Irmãzinha de Jesus, ofereceu-lhes uma órfã, já batizada e alfabetizada. Domingas, uma beleza de cunhantã, cresceu nos fundos da casa, onde havia dois quartos, separados por árvores e palmeiras. “Uma menina mirrada, que chegou com a cabeça cheia de piolhos e rezas cristãs”, lembrou Halim. “[...] Domingas, a “cunhantã” mirrada, meio escrava, meio ama, “louca para ser livre”, como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade”. (HATOU, 2006, p. 48 e 50)

Assim como em *Belém do Grão Pará*, o narrador volta anos na história dos personagens para construir a narrativa, em *Dois Irmãos* nota-se uma construção da narrativa similar em relação a não linearidade, a história é construída a partir de retalhos das vidas dos personagens e a lembrança do tempo do ciclo da borracha, como explícito no trecho da obra:

Apoiado no parapeito, Yaqub olhava os passantes que subiam a rua na direção da praça dos remédios. Por ali circulavam carroças, um e outro carro, cascalheiros tocando triângulos de ferro; na calçada, cadeiras em meio círculo esperavam os moradores para a conversa do anoitecer; no batente das janelas, tocos de velas iluminariam as noites da cidade sem luz. Fora assim durante os anos da guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia, e um ovo valia ouro. Zana e Domingas acordavam de madrugada, a

empregada esperava o carvoeiro, a patroa ia ao Mercado Adolpho Lisboa e depois as duas passavam a ferro, preparavam a massa do pão, cozinhavam. Quando tinha sorte, Halim comprava carne enlatada e farinha de trigo que os aviões norte-americanos traziam para a Amazônia. As vezes, trocava víveres por tecidos encalhados: morim ou algodão esgaçado, renda encardida, essas coisas. Conversavam em volta da mesa sobre isso: os anos da guerra, os acampamentos miseráveis nos subúrbios de Manaus, onde se amontoavam os ex-seringueiros. (HATOUM, 2006, p. 18)

Como na maioria das suas obras, Hatoum aborda a fundo os conflitos familiares, principalmente os relacionamentos mais próximos, como o afeto exacerbado de mãe para filho, a inconstância da adolescência dos filhos em conflito com as vontades do pai Halim, da inveja entre irmãos em relação ao favoritismo dos pais, pois o pai passa mais tempo com Yaqub, mesmo que esse favoritismo seja menor que o da mãe por Omar.

Ao abordar essa relação entre gêmeos, o autor apresenta um contraste imenso com o que se conhece sobre a sintonia entre irmãos gêmeos, em vez de amor que gera um conceito de “unicidade”, temos ódio que os separa. Omar, o “Caçula”, logo que nasceu adoeceu, o que fez com que a mãe desse mais atenção ao enfermo, gerando assim o início do favoritismo. Logo nas primeiras páginas percebemos que essa rivalidade entre os irmãos nunca chega ao fim:

Mas alguns dias antes de sua morte, ela deitada na cama de uma clínica, soube que ergueu a cabeça e perguntou em árabe para que só a filha e a amiga quase centenária entendessem (e para que ela mesma não se traísse): “Meus filhos já fizeram as pazes?”. Repetiu a pergunta com a força que lhe restava, com a coragem que a mãe aflita encontra na hora da morte. (HATOUM, 2006, p. 10)

Em relação a decadência, Dalcídio assimila o declínio do Ciclo da Borracha com a decadência do casarão e a destruição das expectativas da família Alcântara, como se o ideal que eles almejavam ainda viver fosse apenas um fantasma.

Já em *Dois Irmãos* a destruição se concentra na desconstrução dos afetos familiares, a modernidade se instalando ao deixar para trás as características marcantes do tempo do ciclo da borracha, pois ao final da narrativa a casa é reformada, desfazendo a ideia que eles tinham de um lar:

Ela morreu quando o filho caçula estava foragido. Não chegou a ver reforma da casa, a morte a livrou desse e de outros assombros. Os azulejos portugueses com a imagem da santa padroeira foram arrancados. E o desenho sóbrio da fachada, harmonia de retas e curvas, foi tapado por um eclétismo delirante. A fachada, que era razoável, tornou-se uma máscara de horror, e a ideia que se faz de uma casa desfez-se em pouco tempo. (HATOUM, 2006, p. 190).

Analisar as obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum possui um significado muito importante, não é apenas analisar sobre a escrita dos autores, mas também analisar a construção da Literatura Amazônica, é pensando também na perspectiva de “atualização” dos moldes do cânone da Literatura Brasileira que as obras *Belém do Grão Pará* e *Dois*

Irmãos se tornam relevantes para a consciência das peculiaridades do romance moderno. Desta forma, a seguinte discussão, através do termo “regionalismo revisitado”, discutirá sobre o reconhecimento dessas obras em relação ao Cânone da Literatura Brasileira.

4 | UM OLHAR SOBRE *BELÉM DO GRÃO PARÁ* E *DOIS IRMÃOS* E O REGIONALISMO REVISITADO

Quando a discussão envolve “regionalismo revisitado”, é necessário que inicialmente seja situado o conceito de “Regionalismo”, para então seguirmos com a “revisitação” deste conceito por meio das obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum. O termo refere-se a uma vertente literária muito conhecida a partir da “geração de 30”, envolvendo os escritores do nordeste, considerando toda literatura que expressa ou reflete tradições e costumes regionais, ou descrições de características específicas de um determinado lugar. Entre as obras mais conhecidas desse período estão *A Bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida e *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, desde então fala-se em literatura regionalista.

Desta forma, um olhar sobre *Belém do Grão Pará* e *Dois Irmãos* e o Regionalismo Revisitado destaca uma “revisitação” ao Regionalismo tradicional. Analisando este conceito, muito presente nos estudos da obra *Dois Irmãos*, percebe-se que a afirmação de Ana Pizarro de que “dominação e submissão estabelecerão a ordem da cultura e ditarão o *canon* da literatura” (PIZARRO, 1993) se faz necessária para iniciarmos esse debate, tendo em vista que por muito tempo a literatura regionalista foi marginalizada, sem que seu valor fosse considerado pelo cânone da Literatura Brasileira.

Conforme Cátia Wankler (2013), ao fazer um estudo sobre a literatura de Roraima, aborda o Regionalismo literário pelo olhar de Lígia Chiappini (1995), que em suas 10 teses “traz opiniões que renovam os debates sobre o tema do regionalismo, problematizando os pontos de vista que simplificam ou generalizam a questão” (WANKLER, 2013, p. 78).

Do ponto de vista de Lígia Chiappini (1995), em seu texto “Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”, o Regionalismo se tornou um “fenômeno universal”. No conceito explanado na tese 03, a autora levanta a discussão para a questão dos processos literários em relação às literaturas canônicas e não-canônicas, e insere o Regionalismo nesse contexto como forma de revisitá-lo:

Regionalismo na literatura, como tema de estudo, constitui um desafio teórico, na medida em que defronta o estudioso com questões das mais candentes da teoria, da crítica e da história literárias, tais como o problema do valor, da relação entre arte e sociedade; das relações da literatura com as ciências humanas; das literaturas canônicas das não-canônicas e das fronteiras moveidias entre clãs. Estudar o regionalismo hoje nos leva a constatar seu caráter universal e moderno. (CHIAPPINI, 1995, p. 156)

Ainda conforme Chiappini (1995), o Regionalismo pode ser ilustrado como uma

tendência receptiva, aberta a inserção de novas informações literárias, em que podem se enquadrar vários escritores considerados da margem, que se destacam por se expressarem além do contexto geográfico:

O regionalismo lido como uma tendência mutável onde se enquadram aqueles escritores e obras que se esforçam por fazer falar o homem pobre das áreas rurais, expressando uma região para além da geografia, é uma tendência que tem suas dificuldades específicas, a maior das quais é tornar verossímil a fala do outro de classe e de cultura para um público citadino e preconceituoso [...] (CHIAPPINI, 1995, p. 157)

Neste contexto, as obras *Belém do Grão Pará* e *Dois Irmãos*, por mais que suas tramas sejam ambientadas no contexto regionalista, pois aborda uma região tão singular do país, como a Amazônia é, trazem em seus enredos características marcantes da condição humana, como as expectativas desfeitas dos Alcântaras e a destruição de relações familiares por sentimentos de inveja e favoritismo da família libanesa.

É nesse ponto que é possível observar os traços mais buscados no “regionalismo revisitado”, em que os conceitos universais marcantes nas obras proporcionam um novo olhar para além do lugar geográfico em que são ambientadas, que as representações das obras, no contexto literário, se distinguem da narrativa regionalista tradicional.

Em conformidade com o conceito explanado, Camila do Valle ressalta que a narrativa de Dalcídio se destaca dos padrões regionalistas, especialmente na obra *Belém do Grão Pará*, ao comparar a condição humana de seus personagens com o casal de *Vidas Secas* (1938) e seu sonho de deixar a região árida de expectativas, afirmando que é justamente pelas expectativas dos personagens que a obra de Dalcídio foge dos modelos regionalistas:

O regional, sendo apropriado pelo nacional, realiza a homologia necessária entre processo narrativo e construção da nação. [...] É importante lembrar aqui de personagens de um dos romances mais representativos do chamado “regionalismo”: o casal de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que sonha em escapar da aridez, deixando a região de origem em direção ao que poderia ser o mais moderno, o mais racional. É precisamente no sonho dos personagens que a obra de Dalcídio parece escapar dos padrões regionalistas. Em especial, no romance *Belém do Grão Pará*. (VALLE, 2015)

Camila do Valle sugere um questionamento em relação à narrativa contemporânea de Dalcídio Jurandir, segundo a autora os estudiosos nacionais ainda buscam inserir o escritor na historiografia do cânone da Literatura Brasileira, e chama atenção para o fato de que seu prefaciador, o português Ferreira de Castro, autor de *A Selva* (1930), está entre os maiores romancistas de seu país, sendo referência até mesmo nos círculos literários do Brasil:

Enquanto os estudiosos de Dalcídio Jurandir, contemporaneamente, pleiteiam um lugar para o autor na historiografia canônica da literatura nacional brasileira, Ferreira de Castro, seu prefaciador, é referência obrigatória da História da Literatura portuguesa. É este mesmo ícone da literatura portuguesa quem se afeta em apresentá-lo “como um dos mais importantes romancistas” do seu

país, “celebrado, desde há anos, pelos maiores críticos literários do Brasil”. (VALLE, 2015)

Em relação à posição de Milton Hatoum nas discussões sobre a “revisitação” do Regionalismo não podemos dizer que segue a mesma trajetória de Dalcídio Jurandir, tendo em vista que alguns estudiosos ainda analisam *Belém do Grão Pará* como obra regionalista, é o caso de Tânia Pellegrini (2004), que enaltece *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois Irmãos* (2000) em seu texto “Milton Hatoum e o regionalismo revisitado” ao ressaltar que a narrativa do escritor se constrói por meio da formação histórico-política da Amazônia, se pautando numa perspectiva de que seus romances constituem algo inovador:

O que se vê em Hatoum é a reinserção deles numa ambiência peculiar, construída pela memória, amparada ao mesmo tempo na lembrança e no esquecimento. As especificidades geográfico-sociais que suporiam, para um olhar de fora, provavelmente eurocêntrico, questões mais marcadamente “brasileiras,” precisamente pelo fato de a atmosfera narrativa situar-se em Manaus, centro importante do norte do país, encravado no meio da floresta amazônica, cujos estereótipos dizem respeito sobretudo à cultura indígena, esbatem-se numa atmosfera quase onírica, dada pelo fluir de um tempo construído pelos narradores, que lembram o que sabem ou supõem saber e imaginam o que não sabem. (PELLEGRINI, 2004, p. 128).

Na perspectiva de Pellegrini (2004), a narrativa de Hatoum se destaca mais ainda por apresentar a diversidade cultural, envolvendo a inserção da cultura libanesa no contexto amazense, tal fato destina à suas obras um enriquecimento pela habilidade em construir uma narrativa “cultural variada”, em um ambiente já bastante miscigenado pelo fluxo migratório que o Ciclo da Borracha ocasionou:

São como territórios concêntricos, um dentro do outro: a Manaus real e seu duplo, a Manaus imaginária; dentro, a colônia libanesa, no centro da qual as casas das famílias avultam como espaço privilegiado. Desses territórios fecundos—aos quais corresponde a própria forma narrativa, montada com relatos que brotam uns de dentro dos outros—Hatoum extrai sua matéria, constituída por uma malha cultural variada e típica, baseada na interrelação entre imigrantes, estrangeiros e nativos, que estabelecem relações de identidade e de estranhamento com um mundo diverso, no qual um difuso sentido de perda está sempre presente. (PELLEGRINI, 2004, p. 128).

Em consonância aos conceitos de Pellegrini (2004), Alison Leão (2011) destaca que o “regionalismo revisitado” a partir de Milton Hatoum no contexto amazônico tem passado por um processo de “permanência e transformação”, ao se diferenciar do conservadorismo do Regionalismo tradicional, e moldando essa transformação ao se abrir para inserção de culturas externas, abraçando as culturas que já existiam na Amazônia (permanência) e inserido outras de forma envolvente e natural (transformação):

Pelo que se nota, regionalismo revisitado significaria, ao mesmo tempo, uma permanência e uma transformação; como se referiria à incorporação de “matérias” provenientes de culturas centrais (“europeia”, “urbana”), a revisitação consistiria em diferenciar-se do regionalismo mais conservador,

que se pautaria pelo fechamento a tais inserções exógenas. (LEÃO, 2011, p. 67-68).

Desta forma, Milton Hatoum se destaca por apresentar culturas miscigenadas, característica que lhe atribui o *status* de “literatura universal”, conceito que também pode ser aplicado a Dalcídio Jurandir, haja vista que aborda o Ciclo da Borracha, período de grande fluxo de migração, em sua obra *Belém do Grão Pará*, além do contexto histórico de colonização destinar à região a inserção de diversas culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de considerações finais e reiterando as análises das duas obras, compreendemos que a extração da borracha produziu no contexto econômico da Amazônia uma grande agitação. Ela teve a capacidade de formar uma população singular e uma cultura expressiva, motivada por uma construção social e histórica com objetivos bem definidos. Sob esse prisma, as questões dessa sociedade construídas a partir do ciclo da borracha, principalmente depois do declínio do extrativismo, nas obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum, permitiram inferir que esse período ficou marcado na memória daqueles que participaram, direta ou indiretamente.

A temática da região amazônica sem dúvida é fundamental para se entender a diversidade literária brasileira. Mas até recentemente não era possível o conhecimento das entrelinhas do passado que envolveu o ciclo da borracha. Devido a esse recente levante de obras da Amazônia que vem se encaixando aos poucos no cânone da literatura brasileira, a análise comparatista das obras *Belém do Grão Pará* e *Dois irmãos* chama a atenção para a recepção dessas obras no Cânone da literatura brasileira.

O que ocorreu em Manaus e Belém permitiu aos pesquisadores e escritores o acesso a diversas informações até certo ponto da história inéditas, fato que se tornou muito relevante para os estudos da formação literária no Brasil, mais ainda sobre a inserção da Amazônia em narrativas tão importantes e expressivas na literatura. O Brasil nasceu de relações paradoxais, entre riqueza e pobreza, arcaísmo e modernidade. É preciso analisar esses aspectos juntos para se entender a construção do país, é necessário levar em consideração as particularidades da colonização também.

Analisando as obras *Belém do Grão Pará* e *Dois Irmãos* foram notadas várias convergências em suas narrativas, que se destacam em meio a literatura amazônica por abordarem temas universais. Inseridas no contexto do “regionalismo revisitado” trazem o foco para a discussão dos moldes do Cânone da Literatura Brasileira.

APOIO

Este trabalho recebeu apoio financeiro aos grupos de pesquisa por meio do Edital 16/2020 PRPPG- PRÓ-REITORIA - AGP, da Universidade Federal de Roraima e os

participantes integram o grupo de pesquisa Africanidades, literatura e minorias sociais.

REFERÊNCIAS

CHIAPPINI, Lúcia. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol. 8, n 15. 1995, p. 153 – 159.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos.** – São Paulo. Companhia das Letras: 2006.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará.** – São Paulo. Livraria Martins. 1960.

LEÃO, Allison. **Regionalismo e representação da natureza em Milton Hatoum: Contribuição para um (outro) debate. Amazônia: Literatura e Cultura.** Arquipélago contínuo: literaturas plurais / Otávio Rios (Organizador). – Manaus: UEA Edições, 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios : “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades.** – Rio de Janeiro : Contra Capa, 2016. 384 p. : il. color.

PELLEGRINI, Tânia. **Milton Hatoum e o regionalismo revisitado.** Luso-Brazilian Review, Volume 41, Number 1, 2004, pp. 121-138 (Article)

PIZARRO, Ana. **América Latina: Palavra, literatura e cultura.** Campinas: UNICAMP, 1993. Vol. 1, pg. 19 - 37.

VALLE, Camilla do. **Literatura da Amazônia - dificuldades do surgimento e classificação de um campo.** Revista Plural Pluriel de culturas de língua portuguesa. ISSN: 1760 – 5504, Num. 13, 2015. Disponível em: http://www.plural.digitalia.com.br/index6c09.html?option=com_content&view=article&id=377:literatura-da-amazonia-dificuldades-do-surgimento-e-classificacao-de-um-campo&catid=81:numero-9-amazonies-bresiliennes&Itemid=55

WANKLER, Cátia. **Margens, Centralidades e Novos Paradigmas Conceituais: a Literatura de Roraima, Regionalismo e Topofilia.** Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, N.º 29 – 12/ 2013 | 73-92 – ISSN 1645-1112. Disponível em: www.ilcml.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Andina 184, 185, 189

C

Construções 69, 76, 82

Cultura 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 20, 22, 26, 36, 37, 38, 40, 41, 49, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 94, 100, 117, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 184, 192, 196, 207, 209, 218, 220

D

Diálogo 5, 9, 65, 113, 143, 144, 145, 146, 147, 152, 153, 159, 191, 204, 205, 206, 209, 214, 215, 216, 217

Discurso 22, 33, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 72, 78, 81, 106, 110, 111, 116, 122, 126, 138, 141, 145, 146, 147, 153, 154, 172, 184, 201, 211, 216, 219

E

Ecocrítica 37, 38, 50, 220

Escravidão 7, 19, 30, 55, 60, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 133

Espaço escolar 193, 195, 196, 198, 202, 203

F

Feminino 15, 36, 69

Futebol 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

H

História 2, 3, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 28, 31, 36, 40, 44, 45, 46, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 62, 67, 71, 73, 74, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 94, 95, 96, 100, 103, 106, 111, 112, 113, 115, 119, 120, 122, 126, 127, 128, 129, 134, 140, 148, 151, 152, 155, 158, 161, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 194, 197, 202, 203, 208, 209

I

Identidade cultural 1, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 14, 68, 71

Ideologia 39, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 126

Intertexto 144, 145

L

Letras 2, 12, 16, 23, 36, 73, 88, 94, 102, 108, 110, 111, 136, 138, 156, 157, 168, 170, 182, 183, 218, 220

Linguística 63, 64, 66, 71, 72, 73, 145, 146, 200, 201, 220

Literatura 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 38, 40, 41, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 100, 101, 104, 108, 110, 111, 112, 113, 116, 125, 128, 131, 133, 134, 136, 141, 142, 143, 145, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 182, 184, 185, 191, 192, 220

M

Memória 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 43, 51, 53, 54, 57, 60, 61, 74, 81, 86, 87, 93, 97, 146, 158, 160, 164, 167, 192

Miséria 101, 102, 104, 110, 185, 189

Mitologia 184

P

Poesia 13, 122, 136, 138, 140, 141, 142, 185

Política 19, 21, 42, 52, 60, 72, 75, 77, 86, 100, 103, 105, 107, 109, 112, 113, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 178, 179, 192

Portugal 27, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 202, 207

Pós-colonialismo 25, 26, 30

Prosa 24, 65, 141, 182

Prostituição 109, 112, 113, 114

R

Representações 23, 85, 102, 106, 195, 196, 197, 198

Resistência 13, 17, 19, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 44, 77, 189

S

Simbolismo 32

Sociologia das ausências 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 218, 219

T

Teatro 113, 138, 140, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183

Transgressão 9, 32

Turismo 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021